

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Pamela Munhoz da Cunha CASSIANO

Priscila dos Santos Louro GOMES

Ismênia, Adelaide, Maricota, Olga... Quem são elas?
Uma análise dos diferentes tipos de mulher na sociedade do final do
século XIX.

São Paulo

2014

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Pamela Munhoz da Cunha CASSIANO

Priscila dos Santos Louro GOMES

Ismênia, Adelaide, Maricota, Olga... Quem são elas?
Uma análise dos diferentes tipos de mulher na sociedade do final do
século XIX.

Trabalho temático interdisciplinar
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia e Ciência da
Informação, da Fundação Escola de
Sociologia e Política de São Paulo –
2º semestre.

São Paulo

2014

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 MULHER MASSINHA	5
3 A SOLTEIRONA	9
4 MULHER SOLDADO: É UMA HONRA SERVIR.....	11
5 OLGA, LUZ, CÂMERA E AÇÃO!.....	13
6 CONCLUSÃO	17
REFERÊNCIAS.....	20

1 INTRODUÇÃO

No livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, vemos alguns assuntos de destaque que chamam a atenção do leitor, como o nacionalismo, o patriotismo e as figuras femininas da época (Rio de Janeiro, 1983). Pensamos em focar nosso trabalho na representação da mulher nesta época, contando, de nosso ponto de vista, as características de algumas personagens que foram destaque neste romance por suas diferenças, devido às suas personalidades e suas posições tomadas diante da imposição da sociedade burguesa. Estas são: Ismênia, D. Adelaide, D. Maricota e Olga.

Para explicar essas representações no romance, precisamos fazer um breve comentário sobre a sociedade da época com relação ao matrimônio, papéis sociais e obrigações sujeitas somente à mulher.

Antigamente as mulheres eram submissas ao homem (pai e marido), responsáveis pela educação de seus filhos e das atividades domésticas (do lar), sendo educadas desde criança para este papel social. Quando jovens sua única perspectiva era o matrimônio (algo imposto pela sociedade da época). A falta de perspectivas dessas mulheres as tornavam reféns de uma *política matrimonialista e patriarcal*, na qual o casamento se torna uma obsessão e/ou obrigação (TRINDADE, 2010; OLIVEIRA, 2010).

A preparação e a importância atribuída ao casamento eram características das imposições sociais que direcionavam a existência feminina a um único futuro possível, seu objetivo final, *casar*. A educação recebida pela família e as expectativas da Burguesia idealizavam uma mulher respeitável que vivia em função do lar. Segundo D’Incao (2012, p.225), para a burguesia eram considerados verdadeiros tesouros ter um ambiente familiar sólido, lar acolhedor, filhos educados e *esposa dedicada e companheira* na vida social junto ao marido.

Sendo assim, percebemos que as mulheres presentes no romance de Lima Barreto viveram momentos de repressão que fizeram, ou não, alguma diferença em suas formas de ser, assumindo papéis impostos pela sociedade burguesa e aproveitando este enfoque para então descrever estas personagens femininas, observando suas características, suas personalidades e como a sociedade molda a mulher, apresentamos uma proposta de evolução das identidades e construção do

verdadeiro eu (selfie), por meio das intervenções da cultura machista do final do século XIX.

.

2 MULHER MASSINHA

A mulher, desde os primórdios da civilização, vem sendo *castrada*, para se tornar um ser contido, pois de acordo com a sociedade, que segue mais anteriormente os critérios da igreja, acreditam que as emoções das mulheres as tornavam vulneráveis, instáveis e principalmente corruptivas. Sempre vinculada a Eva, ao pecado, ao fruto proibido do jardim do Éden, a mulher carrega a mala de culpa por corromper o homem. (RAMIRELLI, 2012, p. 11-43).

Ismênia reflete a mulher totalmente subjugada às vontades da sociedade. Sua total falta de perspectiva do que está ao seu redor a torna adestrada à política matrimonialista, patriarcal e à família burguesa, trancando-se na jaula dos dogmas da sociedade machista da época.

Imagine uma massa de modelar. Ela é modelada ao gosto de seu mestre de manuseio: cada parte é feita a idealização de perfeição, então ela é formada, e se torna um ser. Este ser foi tão moldado, que é incapaz de ver através de sua cabaça, de sentir por si só. O mestre modelador é a personificação das imposições da sociedade Burguesa em relação aos papéis sociais da mulher, e a massa. Apresento-lhes, Ismênia.

“Não era feia a menina, filha do General, vizinho de Quaresma. Era até bem simpática, com a sua fisionomia de pequenos traços mal desenhados e cobertos de umas tintas de bondade.” (BARRETO, 2013, p. 29).

Educada para casar, este era o único objetivo de sua vida, na verdade pode-se dizer o objetivo de sua existência, pois em nada mais pensava a *mulher massinha*:

“Na vida, para ela, só havia uma coisa importante: casar-se; mas pressa não tinha, nada nela a pedia. Já agarrara um noivo, o resto era questão de tempo...” (BARRETO, 2012, p. 29).

Seria pura coincidência a primeira aparição da personagem já mencioná-la como destinada a esposa?

“Então quando te casas? Era a pergunta que se lhe fazia sempre...” (BARRETO, 2012, p. 29).

Seria pura coincidência sua segunda aparição ser:

“Então, quando se casa, D. Ismênia?” (BARRETO, 2012, p. 47).

O casamento neste período era visto mais como um sistema que juntava alianças, interesses políticos e principalmente econômicos (D'INCAO, 2012, p. 235). Tanto que o próprio pai preferia ter um filho ao ter uma filha, pois a filha mulher era vista como uma bagagem, a que o homem da casa (pai) teria que carregar até que enfim, a casaria, e finalmente ela teria uma *utilidade*, ser mãe, esposa, dona de casa, submissa, usada até como uma escada social, com a qual a família poderia se manter, aumentar ou cair em *status*, passando a ser sua responsabilidade ou fardo arrumar um bom marido, mantendo ou aumentando um prestígio existente familiar (D'INCAO, 2012, p. 229).

Como pode ser visto no diálogo de Albernaz, pai de Ismênia, com Castro:

– É um inferno, esta vida! Imagina tu, Castro, que ainda por cima tenho que casar uma filha!
 Ao que Castro interrogava:
 - Qual delas?
 - A Ismênia, a segunda, respondia Albernaz e logo acrescentava: tu é que és feliz: só tiveste filhos. (BARRETO, 2012, p. 50).

Vista sempre como *a mulher que deve casar-se*, por seus pais, suas irmãs, por toda a família, por toda a burguesia, o que mais Ismênia poderia querer quando fora ensinada a nada mais querer além de casar-se?

Desde menina, ouvia a mamãe dizer: “Aprenda a fazer isso, porque quando você se casar...” ou senão: “Você precisa aprender a pregar botões, porque quando você se casar...” (BARRETO, 2012, p. 48). A construção de Ismênia foi refletida em seu papel social, sobre esse dever que a sociedade incumbiu a ela na idealização do que é ser mulher e do que uma mulher deve fazer, conforme os padrões da sociedade burguesa da época: eu como mulher=tenho que casar. Não existe outro motivo, outro desejo, outro destino. Nada! Assim quando finalmente o casamento de Ismênia e Cavalcânti é marcado, depois de muitos meses de noivado estendido, dentro de Ismênia não é *grande coisa*; seria como se todos os dias você levantasse e fosse costurar um cachecol, foi um processo lento, entediante, mas um dia você acaba e tem a sensação de dever cumprido, independente de quem vai utilizar o cachecol, se é que ele vai ser utilizado. Ismênia demonstra claramente esse sentimento em relação a seu casamento: “Noiva havia quase cinco anos, Ismênia já se sentia meio que casada.” (BARRETO, 2012, p. 47).

Assim nossa mulher massinha, passa a ter a máxima obsessão de seu papel social (GOFFMAN, 1985), absorvendo inteiramente o dever, sem sentir, sem pensar, *sem...* Sem nada. Até seu *futuro* marido Cavalcânti, não soa como a escolha de um marido, mas como: ele pode ser marido. Veja como uma equação:

Um homem + interesse por mim = ele pode ser meu marido

Como é possível esperar demonstrações de sentimento de alguém como Ismênia. Por acaso massinha tem sentimentos? Este *desejo* de casar-se - que nem era seu - era da sociedade, o que lhe impunha família, amigos, vizinhos, tudo, todos. Assim quando Cavalcânti viaja e não lhe dá notícias por vários meses, a razão de sua existência parte... Nada lhe sobra, pois muito já não tinha.

“A menina tinha aquilo como um rompimento; e ela, tão incapaz de um sentimento mais profundo de uma aplicação mais séria de energia mental e física.” (BARRETO, 2012, p. 91).

Este acontecimento se torna um rolo compressor passando por cima da massinha, destruindo cada forma que havia sido feita dela antes, deixando-a baixa, amassada e visivelmente inutilizada. Ismênia nem sequer pensava em tentar arrumar outro marido. Supomos que ela tenha corrido uma maratona e ao chegar à linha de chegada, foi obrigada a voltar à linha de partida - mantinha uma palha de esperança, pendurada por uma agulha. “Nas horas de entrega da correspondência, tinha ainda uma alegre esperança, Talvez? Mas a carta não vinha, e voltava ao seu pensamento: não casar.” (BARRETO, 2012, p. 92). Nem Ismênia, nem a família, nem as pessoas ao seu redor acreditavam que ela conseguiria arrumar outro noivo, muito menos que Cavalcânti retornaria, sem dar notícias desde a partida, sem uma única carta, a qual Ismênia sempre esperava. Então ela começa a cair de seu tão baixo pedestal: não casar, não ter razão pra viver.

– E ela ainda o espera, D. Adelaide? Perguntou Olga.
– Não sei, minha filha. Ninguém entende essa moça. Fala pouco, se fala diz meias palavras... É mesmo uma natureza que parece sem sangue nem nervos. Sente-se a sua tristeza, mas não fala. (BARRETO, 2012, p. 93).

Toda a dor de perder o chão aos seus pés foi transferida da alma para o corpo. Deste modo não é de se espantar que tenha parado de comer, de falar,

parado de fazer quase tudo que significa estar viva, pois assim o sentia e então adoeceu.

No ápice do desespero, a família de Ismênia recorre a médicos, benzedadeiras, a rezas, tudo! Mas ninguém consegue ajudá-la. Mas será que existe realmente algo a ser curado? Existe algo a fazer quando a massinha de modelar perde a cor e perde a flexibilidade? Ela não é simplesmente inutilizada e jogada fora? Aí está o que ela deixou que a sociedade fizesse dela.

Ela não foi apenas mais uma mulher a seguir os padrões: ela foi engolida por seus deveres, sufocada, tomada, como um pássaro que não pode mais voar, pois de que importa *ser* se não pode mais *fazer* o que todos os pássaros fazem: voar. Não existe mais motivo em sua existência, sobre o que é ser um pássaro, ele vive apenas disso. E um pássaro que acredita não poder voar, não voaria nem se tivesse asas. Então ele cai do ninho e é devorado.

Esse animal social burguês consome e ela, consumida, definha para a única coisa que lhe resta: a morte.

“O véu afagou-lhe as espáduas carinhosamente, como um adejo de borboleta. Teve uma fraqueza, uma coisa, deu um ai e caiu de costas na cama, com as pernas de fora... Quando vieram ver, estava morta.” (BARRETO, 2012, p. 228).

Ela já se considerava morta, pois se seu papel social era seu ser, seu eu. Sem ele, estava morta: a doença e tudo nisso lhe refletiam, ela só aguardou, esperou, até enfim se ver dentro daquele vestido de noiva. Estar dentro daquele vestido era tudo que importava, pois dentro dele se via uma mulher pronta para casar, a mulher perfeita à vista da sociedade, a casada. Ao se imaginar deste modo, ela se permite vencer, descansar de seu dever, ter paz, parar de lutar, largar tudo e morrer.

3 A SOLTEIRONA

D. Adelaide, irmã de Policarpo Quaresma, não possuía perspectiva de vida, nem anseios ou desejos próprios, se dedicava apenas ao lar e a seu irmão. Uma mulher que acabou ficando solteirona, “*pra titia*”. Ela pode ser considerada uma mulher educada, criada pela sociedade com objetivo de se casar, porém com a ideia que *se não casar e não tiver um marido*, sua vida passa a não ter sentido e por isso ela precisa ocupar aquela figura masculina (o marido que não conseguira) por outro. Ela substitui a figura *marido* por *irmão*, exercendo o papel de mãe/esposa, sendo dependente do homem para suas atitudes e ação:

“A velha irmã, atarantada, atordoada, sem direção, sem saber que alvitre tomar. Educada em casa sempre com um homem ao lado, o pai depois o irmão, ela não sabia lidar com o mundo [...]” (BARRETO, [20-?], p. 113).

D. Adelaide reforça o estereótipo de que a mulher solteira anula a sua vida em prol das outras. Vimos esta atitude na dedicação de sua vida com relação ao seu irmão:

“Ela tinha aquela ampla maternidade das solteironas; pois, parece que a falta de filhos reforça e alarga o interesse da mulher pelas dores dos outros.” (BARRETO, [20-?], p. 203).

Ela cumpriu seu papel social, embora não da forma que a burguesia idealizava a mulher, mas com isso, ela se sente bem e enquadrada na sociedade. Para D. Adelaide o fato de não ter se casado e permanecido ao lado de seu irmão, não lhe causava desconforto, pois para ela, estava fazendo o que uma mulher deveria fazer, conforme a citação abaixo:

Para Dona Adelaide, a vida era coisa simples, era viver, isto é, ter uma casa, jantar e almoço, vestuário, tudo modesto, médio. Não tinha ambições, paixões, desejos. Moça, não sonhara príncipes, belezas, triunfos, nem mesmo um marido. Se não casou foi porque não sentiu necessidade disso; o sexo não lhe pesava e de alma e corpo ela sempre se sentiu completa. (BARRETO, [20-?], p. 215)

Podemos tentar entender as atitudes de D. Adelaide, como algo que foi incorporado à sua personalidade pela sociedade. A questão que a mulher desde criança é educada para ser esposa e educar filhos e que quando não temos uma figura masculina para atender a expectativa esperada pelo meio social com relação

ao matrimônio leva as mulheres a em uma encruzilhada em suas escolhas. Podemos indicar dois caminhos, que mais nos chamou a atenção:

- 1) Quando a mulher não casa por vontade própria ou por não conseguir um marido, ela precisa encontrar o seu papel social e então, para que possa atuar neste papel ideal estabelecido pela sociedade, acaba se dedicando à sua família, transferindo aquilo que faria para seu marido, para seus irmãos. Neste caso a mulher atua com mãe, educando e cuidando de seus irmãos como filhos ou marido, colocando em prática a única coisa que aprendera a fazer desde criança.
- 2) Seguir o caminho religioso, o celibato, tornando-se freira, direcionando sua vida unicamente a Deus, substituindo o real (carnal) pelo sobrenatural, dedicando sua vida de forma pura e imaculada (visão da mulher virgem) a servir nas atividades religiosas.

Tendo em vista que a personagem D. Adelaide seguiu a primeira opção, conformada com seu papel, dedicou-se a cuidar de seu irmão com carinho e atenção de uma mãe e esposa e aos afazeres do lar, vemos:

Dona Adelaide, a irmã de Quaresma, tinha uns quatro anos mais que ele. Era uma bela velha, com um corpo médio, uma tez que começava a adquirir aquela pátina da grande velhice, uma espessa cabeleira já inteiramente amarelada e um olhar tranquilo, calmo e doce. Fria, sem imaginação, de inteligência lúcida e positiva, em tudo formava um grande contraste com o irmão. (BARRETO, [20-?], p. 214).

Segundo Furtado (2003) a mulher era considerada um ser cercado de uma áurea de pureza, amor e desapego por natureza, destinado a viver servindo os outros e deixando de lado dos seus desejos e sonhos. Essa era a visão da mulher daquela época. Podemos dizer que D. Adelaide era uma mulher sem tempero, com uma personalidade neutra, que preferiu deixar de lado seus desejos e sonhos para seguir seu irmão, substituto da figura masculina assumida em sua vida.

4 MULHER SOLDADO: É UMA HONRA SERVIR.

Ao contrário de sua filha (Ismênia), não apenas se entregou ao que a sociedade quis dela. A grande diferença é que uma desistiu de construir uma personalidade para viver seu papel social, aquele ao qual a sociedade impõe a mulher, ser mãe, esposa.

“Muito ativa, muito diligente, não havia dona de casa mais econômica, mais poupada e que fizesse render mais o dinheiro do marido e o serviço das criadas. Logo que despertou, pôs tudo em atividade, as criadas e as filhas.” (BARRETO, 2012, p. 50).

D. Maricota é a idealização da sociedade ao que se deve ser uma Mulher, de como ela deve exercer seu papel social. Assim, decidiu se fundir às suas expectativas, a este papel social imposto as mulheres. Já que ela deve fazer, ela faz da melhor maneira possível, assim se fundindo com o seu *selfie* a sua construção de personalidade (GOFFMAN, 1985) e seu eu como papel social, como um soldado a seguir ordens tornando-se automático, o que se torna natural à pessoa. Ela sabe quais são as expectativas esperadas da sociedade para com ela e faz dessas expectativas o seu próprio dilema, seguindo por uma linha reta, cumprindo obrigações comportamentais. Por se ver capaz de seguir assim, se sente completa, inteira, feliz e principalmente realizada, pois é vista como a sociedade quer que ela seja vista, ela se vê como *o melhor soldado*, aquele que sabe suas obrigações e as segue cegamente. O número um do quartel, seguindo os padrões da sociedade. Assim, a mulher soldado marcha ao seu dever de mãe, esposa e dona de casa com um sorriso no rosto e satisfação no coração.

A alegria de D. Maricota era grande [pensando em Ismênia, quando se tornara noiva]; ela não compreendia que uma mulher pudesse viver sem estar casada. Não eram só os perigos a que se achava exposta, a falta de arrimo; parecia-lhe feio e desonroso para a família. A sua satisfação não vinha do simples gato de ter descontado uma letra, como ela dizia. Vinha mais profundamente dos seus sentimentos maternos e de família. Ela arrumava a mesa, nervosa e alegre; e a filha [Ismênia] fria e indiferente. (BARRETO, 2012, p. 51).

Ela sentia-se responsável pela família, por manter a aparência de status social. Para ela, sua construção de pessoa, de mulher, era ser a família, cuidar dela de toda alma.

D. Maricota, tendo perdido todo aquele antigo fervor pelas festas e bailes [sentimento dela em relação a doença da filha], estava sempre no quarto da filha, a consolá-la, animá-la, às vezes, quando a olhava muito, como que se sentia um tanto culpada pela sua infelicidade. (BARRETO, 2012, p. 226).

Ela faz mais do que cumprir seu papel social, ela faz a maximização de seu papel social, criando a sua Persona, administrando as características de seu papel social, para alterar a visão de si (GOFFMAN, 1985). Assim, ela vai além de ser esposa como a sociedade a cobra em seu papel social. Ela vai tomar para si, que *deve* ser a melhor esposa, a melhor mãe, pois é esta a sua ambição de vida. Deste modo, obtém a sua identidade, mesmo dentro das expectativas de seu papel social, construindo o seu verdadeiro *eu*, aquela que é a melhor no que faz (selfie).

“Quaresma [...] Ele procurava ver Ismênia. [...] Viu todos: D. Maricota, sempre ativa e diligente [cuidadosa]; [...]” (BARRETO, 2012, p. 211).

O que ela deve fazer e como ela deve agir é socialmente imposto, porém não deixa de ser uma personalidade, mesmo que suas bases tenham partido do que é imposta a ela, a escolha, a direção que ela escolhe tomar é o que ela constrói de si, para que a sociedade a veja, não só como qualquer outra mulher que cumpri seus papeis sociais, mas sim a MELHOR mulher em cumprir o seu papel social. Assim, obtém essa sua ambição de vida, o que a permite viver honrada, feliz e satisfeita, o que naturalmente a fez educar sua filha (Ismênia) para o mesmo entendimento, porém cada qual constrói seu verdadeiro eu, e mesmo que as bases sejam idênticas, o caminho é único para cada um que o segue.

5 OLGA, LUZ, CÂMERA E AÇÃO!

Olga é a personagem feminina que tem grande destaque na obra de Lima Barreto devido ao seu perfil de mulher obstinada. Porém em razão da imposição das regras sociais com relação ao matrimônio, ela se sujeita a esta tradição e por isso *atua* na sociedade como uma mulher submissa, embora tenha seus pensamentos, inteligência, determinação e opinião própria, casando-se com alguém que não tem sentimentos, criando uma personagem de si para se manter no parâmetro da idealização de mulher pela sociedade burguesa. Chegou a hora Olga, luz, câmera e ação!

Podemos perceber que ela não se enquadra nos padrões destinados às mulheres da época (final do sec. XIX):

A menina vivaz habituada a falar alto e desembaraçadamente, não escondia a sua ficção tanto mais que se sentia confusamente nele alguma coisa de superior, uma ousadia de ideal, uma tenacidade em seguir um sonho, uma idéia, um vôo. Enfim para as altas regiões do espírito que ela não estava habituada a ver em ninguém no mundo que freqüentava. Essa admiração não lhe vinha da educação. Recebera a comum às moças de seu nascimento. Vinha de um pendor próprio, talvez das proximidades européias do seu nascimento, que a fizeram um pouco diferente das nossas moças.[...]a sua natureza inteligente e curiosa se comprazia nas mais simples descobertas que seu espírito fazia. (BARRETO, [20-?], p. 53, p. 116).

Ela se sentia orgulhosa de si, de sua classe social e educação, mesmo parecendo egoísmo de sua parte, afinal a sociedade a educou para ser assim, então Olga atua dessa forma:

Parecia-lhe que a sua fortuna a punha acima de presenciar misérias; recalcou, porém, dentro de si esse pensamento egoísta, o seu orgulho de classe, e agora entrava [no hospício] naturalmente, pondo em mais destaque a sua elegância natural. Amava esses sacrifícios, essas abnegações e tinha o sentimento da grandeza deles, e ficou contente consigo mesma. (BARRETO, [20-?], p. 114).

Podemos dizer que ela seja a representação da *busca* da liberdade feminina, de viver seus próprios anseios e não pelo o que é imposto pela sociedade. Contudo, mesmo com seus ideais, objetivos e seu jeito próprio de ser, Olga se vê submetida à *política matrimonialista*, mesmo não possuindo vontade em casar. Além disso, se sentia pressionada por seu pai a se casar, mesmo com uma *pequena* liberdade de escolha com relação ao marido, pois ele a tinha como sua *aposentadoria*:

Queria casar a filha, bem e ao gosto dela, não punha, portanto, nenhum obstáculo ao programa de Olga. [...] Se não fosse seu pai (e Olga amava mais por isso o seu rude pai) que se interessava, chamando a si os interesses da família e evitando a demissão de que estava ameaçado, transformando-a em aposentadoria, que seria dele? (BARRETO, [20-?], p. 113, p.94-95).

A partir deste pensamento, ela acaba se casando com um homem que não gostava, mas, como o matrimônio era uma espécie de ritual que precisava passar, ela não poderia fugir à regra de submeter-se esse papel social: ser esposa:

E tinha razão em se casar, em obedecer à sua concepção. É tão difícil ver nitidamente num homem de vinte a trinta anos, o que ela sonhara que era bem possível tomasse a nuvem por Juno... casava por hábito da sociedade um pouco por curiosidade e para alargar o campo de sua vida e aguçar a sensibilidade.(BARRETO, [20-?], p.120).

Olga se casa com Armando Borges, sem amor e sem interesse, tanto que nem em seu casamento expressa alegria ou felicidade, porém continua a atuar conforme a sociedade a impulsionava:

A cerimônia corria com a pompa e a riqueza acostumada em pessoas de sua camada. Houve uns arremedos parisienses de corbeille de noiva e outros pequenos detalhes chics, que não a aborreceram, mas que não a encheram lá de satisfação maior que as noivas comuns. Talvez nem mesmo essa ela tivesse... Continuava a não encontrar dentro de si motivo para aquele ato, mas, aparentemente, nenhuma vontade estranha à sua influíra para isso. (BARRETO, [20-?], p 183.)

Casara com um homem que pensava somente em si mesmo, pois estava atrás do status que iria adquirir com este casamento. Segundo D’Incao (2012), “O casamento era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do status.” e isso justificava as ações de seu marido.

Doutor Armando Borges demonstrava ser inteligente devido a sua formação universitária. Isso é o que tinha chamado a atenção de Olga que, porém logo percebeu que ele não era como imaginava e se desencantou. Contudo, achou melhor casar com ele, pois achava que se não fosse com ele, poderia ser com outro igual ou pior:

Julgava que a noiva o aceitara pelo seu maravilhoso título, o pergaminho; é verdade que foi, não tanto pelo título, mas pela sua simulação de inteligência, de amor à ciência, de desmedidos sonhos de sábio. Tal imagem que dele fizera, durara instantes em Olga; depois foi a inércia da sociedade, a sua tirania e a timidez natural da moça em romper que a levaram ao casamento. Tanto mais que ela, de si para si, pensava que se

não fosse este, seria outro a ele igual, e o melhor era não adiar. (BARRETO, [20-?], p. 184).

Olga, mesmo depois do casamento, mantinha sua personalidade, sua independência de pensamento em relação ao marido. Ela não deixava de ser ela mesma, simpatizava com os menos afortunados. Ela pensa, reflete e atua sobre a realidade ao seu redor, podemos vê-la assumir posições sensatas e ao mesmo tempo críticas em relação ao seu próprio grupo social (burguesia), contrapondo-se ao estereótipo da mulher passiva, subordinada ao marido, Olga desafiava sua autoridade:

– Deviam continuar a presenciar as prisões, as deportações, os fuzilamentos, toda a série de violências que se vêm cometendo, aqui e no Sul?

– Você, no fundo, é uma revoltosa, disse o doutor, fechando a discussão. Ela não deixava de ser. A simpatia dos desinteressados, da população inteira era pelos insurgentes. Não só isso sempre acontece em toda a parte, como particularmente, no Brasil, devido a múltiplos fatores, há de ser assim normalmente. (BARRETO, [20-?], p. 263).

Vimos no romance o quanto seu esposo não conseguiu compreender a profundidade das leituras de Olga e isso o incomoda, pois para ele é como se fossem brincadeiras, passatempos, que lhe faziam dormir:

Deu em procurar os livros da mulher. Eram romances franceses, Goncourt, Anatole France, Daudet, Maupassant, que o faziam dormir da mesma maneira que os tratados. Ele não compreendia a grandeza daquelas análises, daquelas descrições, o interesse e o valor delas, revelando a todos, à sociedade, a vida, os sentimentos, as dores daqueles personagens, um mundo! O seu pedantismo, a sua falsa ciência e a pobreza de sua instrução geral faziam-no ver naquilo tudo, brinquedos, passatempos, falatórios, tanto mais que ele dormia à leitura de tais livros. (BARRETO, [20-?], p. 258).

No final deste romance, percebemos que Olga assume uma posição corajosa e superior quando não concorda com as vontades de seu marido e quando ele a questiona sobre a sua intenção de ir ao socorro de seu padrinho, Policarpo. Na visão de Armando, havia o medo de que isso comprometesse seu futuro profissional de médico:

Ela não lhe respondeu logo e mirou-o um instante com os seus grandes olhos cheios de escárnio; mirou-o um, dois minutos; depois, riu-se um pouco e disse:

- É isto! “Eu”, porque “eu”, é só “eu” para aqui, “eu” para ali... Não penses em outra coisa... A vida é feita para ti, todos só devem viver pata ti... Muito engraçado! De forma que eu (agora digo “eu” também) não tenho o direito de me sacrificar, de provar a minha amizade, de ter na minha vida um traço

superior? É interessante! Não sou nada, nada! Sou alguma coisa como um móvel, um adorno, não tenho relações, não tenho amizades, não tenho caráter? Ora!...


- É o que te digo: vou e vou, porque devo, porque quero, porque é do meu direito. (BARRETO, [20-?], p. 401).

Na verdade, podemos dizer que esse foi o grande passo de sua independência, em tomar uma atitude sem consentimento de seu marido, agir por si própria. Mesmo em uma sociedade com tradições conservadoras e machistas com relação à mulher, Olga se superou, demonstrando confiança de si mesma. Podemos dizer que ela é a evolução da mulher na sociedade, uma mulher pré-modernista e revolucionária que atuou nesta época, pois por mais que exista uma personagem, nada é mais forte do que seu verdadeiro eu e Olga, possui obstinação.

6 CONCLUSÃO


A partir da análise de cada personagem, com base em nosso ponto de vista, apresentamos uma concepção da evolução da mulher com relação a seu papel no meio social, imaginando uma encruzilhada, de modo que todas as quatro personagens partiram de um mesmo ponto para *trilhas* diferentes, sendo que cada *trilha* significa uma interpretação de como gerenciar seu papel social, de como andar conforme os critérios da burguesia de acordo com suas escolhas. Esta idealização do que seria um – (menos) a um + (mais) com relação às personagens.

Ismênia



Totalmente subjugada pelas vontades e expectativas da sociedade em relação ao que é ser mulher, ela se torna um indivíduo sem identidade, sem vontade sem ambições. Seu único entendimento de vida é o de cumprir seu papel social: casar. Porém, ao falhar, se vê destruída, perde a direção de sua existência, pois só sabia seguir a *trilha* social e por não ser capaz de produzir nada além do que foi embutido em si pela sociedade, não vê razão em sua vida, pois não atingir essas expectativas era a morte e assim o corpo cedeu (doença) e finalmente se vê no estado físico ao qual seu espírito já permanecia morto. Pois como sair de uma trilha a qual só se é capaz de ver a estrada à frente? Perdeu-se a única ideia que ela possuía de essência e sucumbiu e por não conseguir desenvolver sua identidade a partir de seu papel social, se torna vazia, negativa. É por isso que ela se torna o nosso,  (menos).

D. Adelaide

Assim como Ismênia, inicialmente não alcançou a idealização da mulher para a sociedade, não conseguiu casar-se. Porém ela possuía um “*que a mais*” que Ismênia, ela via as expectativas da sociedade, como diretrizes, como objetivo e não como essência, assim entendia o seu papel social de modo mais amplo. O que a sociedade esperava? Que ela se case e cuide dos filhos, da casa e da concepção de família. Pois bem, ela pode não ter conseguido se casar, mas viu em Policarpo


outro modo de exercer seu papel social, de se manter na *trilha* das expectativas da sociedade, então ao invés de sucumbir, como Ismênia, ela encontra uma curva na estrada, uma alternativa, vendo – acreditamos - que Policarpo não se casaria, nem tão cedo, “se” se casa, pois seu único e verdadeiro amor era o Brasil. Ela vai direcionar a ele seu papel social, agindo como *mãe, esposa* de Policarpo e deste modo, continua agindo tal qual a sociedade espera, exercendo o papel a qual lhe foi desempenhado como mulher, seguindo em paz consigo mesma por estar “de acordo” com as expectativas esperada pela sociedade. Sendo (menos) — com um algo a  (mais).

  D. Maricota

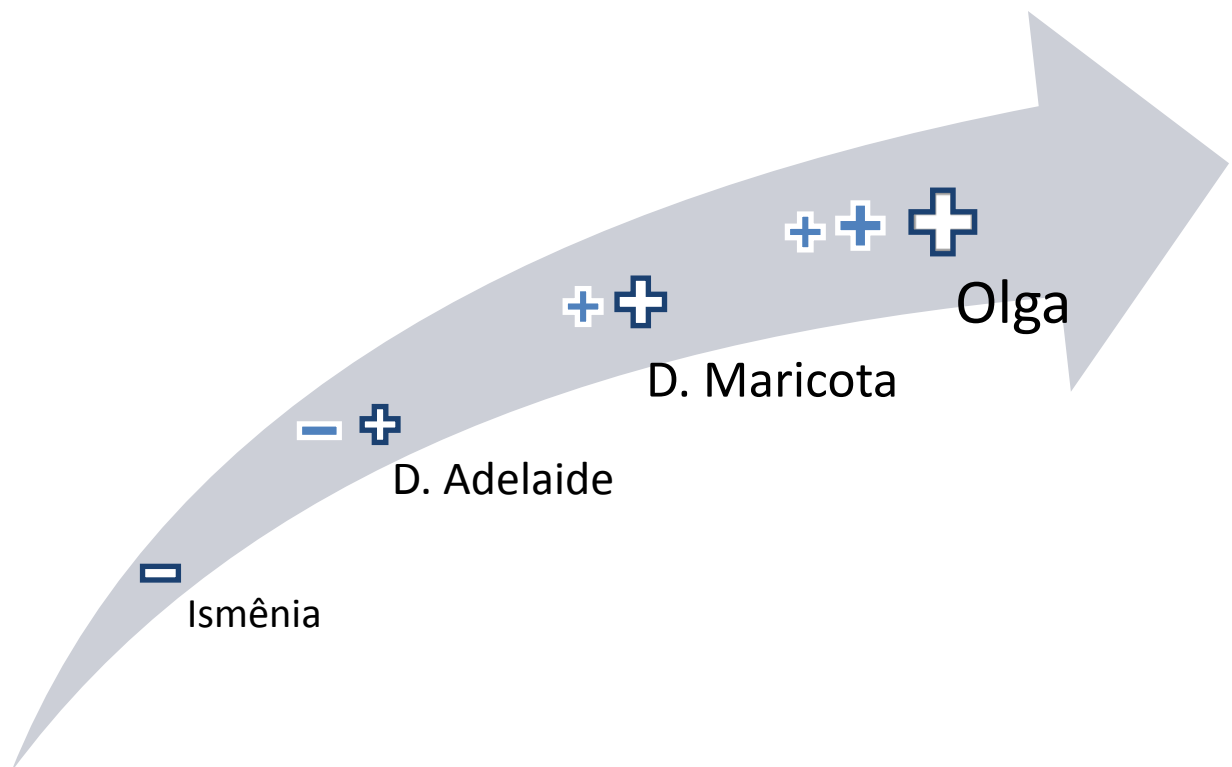
Faz  (mais) do que tentar atingir as idealizações da sociedade em relação a seu papel social de mulher, como Ismênia fez. Faz ainda  (mais) do que D. Adelaide. Ela não só vai entender seu papel social, o que em avanço a Ismênia e D. Adelaide, já é um grande passo, mas ela vai construir a sua identidade. Ismênia nem chegou perto de construir nada, ao passo que D. Adelaide se perdeu em ser irmã, mãe, mulher, seja qual ela fosse para Policarpo. D. Maricota vai construir sua identidade, seu verdadeiro eu a partir da idealização da sociedade do que é ser mulher: ela não vai só seguir tudo que lhe é imposto pela sociedade, vai transformar em sua ambição de vida, vai tornar cada regra de seu papel social, como auto realizações, vai construir uma outra perspectiva (Persona) de como é o seu papel social, então ela não vai seguir “tal” padrão de comportamento só porque é imposto pela sociedade, ela vai idealizar uma posição de perfeição para a mulher. Se a sociedade diz que a mulher deve ser esposa, mãe e dona de casa, então ela vai impor a si que ela deve ser a melhor mãe, a melhor esposa, a melhor dona de casa. Ela constrói seu verdadeiro eu, a que quer ser a melhor em seu papel social.

   Olga

A mulher que consegue enxergar seu papel social e seu verdadeiro eu separadamente. D. Maricota pode até ter construído uma identidade, porém ainda presa no que se é esperado pela sociedade. Olga é grande, ela é a mulher que atinge todas as expectativas da sociedade, porém ela vai além, ela possui um

entendimento maior do que é “ser”, do que ela deve fazer, ela PENSA, o seu grande ,  (mais) diferentemente das demais, um avanço enorme, gigante, estrondoso, então ela vai agir de uma maneira e pensar de outra, vai construir uma fachada, para que as pessoas ainda a vejam dentro do grupo social: família. É o que ela quer que as pessoas vejam. Este pensamento de quem que a sociedade quer que eu seja e quem eu verdadeiramente sou.

Tal como idealizamos a evolução da mulher no romance de Lima Barreto (O triste fim de Policarpo Quaresma):



REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. [S.l.: s.n.], [20-?].(Versão para eBook por eBookCult.com.br). Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/policarpoE.pdf>>. Acesso em 28 out. 2014.

_____. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: FTD, 2013.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 223-240.

FURTADO, Fabiana Câmara. **Perfis da Belle Époque brasileira**. Uma análise das figuras femininas de Lima Barreto. Recife: 2003. Disponível em <http://www.unicap.br/teprof/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2>. Acesso em 07 de out. 2014.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

RAMIRELLI, Ronaldo. Eva Tupinambá. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 11-44.

TRINDADE, Iriane; OLIVEIRA, Milena. **Representação Feminina em Triste Fim de Policarpo Quaresma**.09 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/representacao-feminina-em-triste-fim-de-policarpo-quaresma/34008/>>. Acesso em 28 out 2014.